

HAPPY HOUR DOS MALDITOS**Mark Henry**

tradução: Johann Heyss

Para Caroline, minha esposa.

Ela não teria como me apoiar mais, não teria como ser mais maravilhosa.

Seria simplesmente impossível.

Agradecimentos

Este livro é um milagre para mim. Mesmo. Um milagre de zumbis chegados a bebericar coquetéis e saborear carne humana, mas um milagre ainda assim. Devo muito às pessoas que me ajudaram a tocar a bola para frente, a chutar a bola, ou a lubrificá-la e enfiá-la pelos orifícios apertados do mercado editorial.

Mil e um milhões de agradecimentos vão para...

Minha mãe, Edna Henry, a leitora mais ávida que conheço. Ela me ensinou a ler e sempre me disse que eu posso fazer qualquer coisa que resolva fazer;

Meu pai, Wayne Henry, que é o tipo de cara que faz *tudo* que resolve fazer. Além do que, vá ser bom contador de histórias no inferno. Pode perguntar a qualquer um;

As pioneiras Monica Britt e Sherylle Stapleton e os novatos Megan Pottorf, Manek Mistry e Tom Wright do blog The South Sound Algonquins, que lidaram tão graciosamente com meu texto desbocado e jamais pouparam críticas. Vocês não me pouparam de nada, não é?

Gina Craig, minha primeira preparadora de originais, que refinou meus primeiros capítulos o quanto pôde;

O talentoso Joe Schreiber, que me deu o empurrão que eu precisava para conseguir um agente espetacular. Ele também é um cafetão de escritores nota dez;

A galera do jantar de sexta-feira: Kevin Macias, Jô Rash, Dana Krapf e, depois, Mike Green, Ann Bowen, Shannon Hills e Yolanda Macias por escutarem minhas divagações editoriais. Sua animação foi a melhor torcida.

A super-maravilhosa editora Liz Scheier, que apostou em uma ideia. Veja bem, não era nem um original completo, apenas uma ideia. Pessoal: esse tipo de coisa simplesmente não acontece. Foi o entusiasmo dela que me fez escrever esse livro;

Meu agente, o deliciosamente sarcástico Jim McCarthy da Dystel & Goderich Literary Management, que fechou negócio num piscar de olhos. Se as coisas seguirem do meu jeito, vamos vender muito mais;

Kristine Mills-Noble trouxe Amanda à vida com a maravilhosa capa.

Meu preparador de originais William Mehlman conseguiu captar coisas que eu jamais teria visto, mesmo com meu péssimo francês de segundo grau;

Meu editor, John Scognamiglio, acreditou na minha historinha doida a ponto de comprar essa porra. Ainda estou perplexo. Todo dia. Além do que, ele é profissional em meter o malho em reality shows, o que é requisito número um para me impressionar;

Finalmente, aos leitores, pois há apenas dois tipos de pessoa no mundo.

CAPÍTULO UM**HOJE É SABADO, DIA DO WELL OF SOULS¹**

Umás dicas: os malditos de Seattle se reúnem no Orphanage² nas noites de terça para comer belisquetes e beber drinques especiais pela metade do preço, às quintas no Convent³ para o Teatro Burlesco dos Mortos-Vivos, e no Pharmacy⁴ às sextas, que é novidade e no qual nunca fui (não se detenha por isso, ouvi falar que é espetacular)...

– Otherworld Weekly⁵

Sábado à noite o negócio é o Well of Souls – ver e ser visto é a regra – não há desculpa para faltar, menos ainda se for um daqueles dias de desastre capilar. Porra, mesmo que seu cabelo pareça uma vassoura ou um bando de caracóis vindos direto do esgoto, é só enfiar um chapéu na cabeça, uma peruca, ou qualquer coisa assim; o pior que pode acontecer é o constrangimento público e a zoação. Ninguém morre disso. Felizmente, Wendy e eu não tínhamos que nos preocupar com isso; éramos gostosas pra cacete e prontas para fazer o negócio pegar fogo.

Ela estava usando sua mistura típica de exuberantes modelos de seda e lã, que vinha cultivando há uma década que nem uma rosa híbrida. Nessa noite especificamente ela estava toda trabalhada no comprimento curto-curto-curto de um vestido Galliano com estampa de caveiras e ossos. Ela envolveu o vestido com um suéter de tecido

¹ Poço das Almas.

² Orfanato.

³ Convento.

⁴ Farmácia.

⁵ Semanário do Outro Mundo.

constritivo que lhe abarcava os seios, exibindo-os que nem uma camponesa européia putinha. Seus cabelos louros caíam como perfeitas letras S, emoldurando-lhe a pele clara com um brilho de algodão doce.

Devo parar por aqui. Se dependesse de Wendy, o assunto jamais se desviaria dela.

Então vamos em frente...

Eu ostentava meu "Variations on Black" vintage Azzedine Alaia⁶. De vez em quando o levava para tomar um arzinho acompanhado do colar de pérolas favorito. Ele me moldava as curvas como uma segunda pele, as próprias fibras acompanhavam cada mudança e ondulação. Meus sapatos eram pretos, de amarrar, erguidos por saltos capazes de empalar o mais amoroso dos vamps. Meus cabelos eram castanhos quase pretos, com toques caramelados – pense no creme que brota da superfície de um café espresso bem feito – e preso de maneira displicente no alto da cabeça para mostrar os enormes brincos de argola retrô balançando nas orelhas no melhor estilo "os anos 70 voltaram".

Sexy? Com certeza, mas chega de moda; vamos prosseguir com as *importantíssimas* disposições de assentos...

Nosso banquinho reservado, forrado com veludo preto, ficava bem no centro, entre os toaletes, a pista de dança e o *ice bar*, perfeito para presenciar tanto as atrocidades da moda quanto os escândalos sobrenaturais. Ricardo, o dono e bartender do Well, era tão bom para nós, sempre guardando nosso lugar preferido e garantindo colírio para nossos olhos para animar. Eu o avistei do outro lado do salão sacudindo uma coqueteleira de metal

⁶ Estilista tunisiano, famoso por suas criações com as quais costuma atar o corpo feminino em sua forma adequada, a despeito de seu formato original; um verdadeiro Deus que transforma vacas em visões atraentes de sublime modernidade.

todo posudo. O que me trouxe à mente a seguinte pergunta: *cadê a porra do meu Flirtini?*

Normalmente não tenho do que reclamar no Well, mas nessa noite Ricardo estava estreando garçonete nova. É isso aí, eu me recuso a chamá-las de serventes de drinques ou profissionais de casas noturnas, e eu seria capaz de jantar inteirinho, começando pela cabeça, qualquer um que viesse questionar o fator politicamente correto da terminologia que eu uso. O nome dela era Isobel, e ela era exatamente aquilo que se pode esperar – lenta, chata, antipática e – adivinhe – linda. Descrevê-la como uma estrelinha de segunda de olhinhos castanhos inocentes seria bastante preciso, mas deixaria de fora sua inteligência retardada e vocabulário medíocre.

Eu estava dando uma olhada no bando de gente presente para ver se achava nossa garçonete de sempre, Jezebel, quando avistei uma mesa espremida junto ao arco mais afastado do clube. Aqueles compartimentos, instalados bem no fundo detrás de grossas cortinas cor de rubi, eram normalmente ocupados pelos chupa-sangue do mal dos Karkaroff, Snell and Associates, e alguns deles estavam presentes, mas Dona Elizabeth Karkaroff era a única digna de nota, pode acreditar, e jamais olhe nos olhos dela – por mais que eu enfatize, nunca é demais. O escritório de direito era composto por uma turma sinistra que lidava com divórcios e desilusões, tipo misteriosos.

Criaturas viris a rodeavam como borboletas, com as cabeças espinhosas cobertas por chapéus tipo fedora, boinas e bonés de tamanhos e formatos que devem ter infernizado seus chapeleiros. Eles se abaixavam para falar com ela, perambulavam pelo espaço cobrindo a boca com a mão. A própria dama, elegantemente esparramada de pernas cruzadas e sobressaindo das sombras para o espaço entre as mesas, como uma espécie de obstáculo para as

garçonetes. Talvez Isobel tentasse pular o obstáculo e não voltasse. O brilho do cigarro de Karkaroff iluminou seu rosto anguloso. Seus olhos profundos sondaram o espaço cavernoso.

Eu desviei o olhar.

Naquela noite, uma presença mais sombria do que o normal espalhou uma camada densa de penumbra pela atmosfera já carregada, ainda que sofisticada.

– Aquele não é Cameron Hansen⁷? – eu perguntei.

Wendy seguiu a trilha do meu movimento de cabeça que o apontou em meio a um profundo emaranhado de mesas e arregalou os olhos que se acenderam sobre a celebridade sombreada.

– Sim. Meu Deus, o que é que ele está fazendo aqui? – Seu rosto se congelou em um esgar, como se ela estivesse prestes a vomitar sobre a mesa ou tivesse dobrado uma esquina e sido pega de surpresa por um cu piscando coroadado por uma grossa massa marrom. – Não suporto esse camarão⁸.

– Boiei geral. – Acendi um cigarro bicolor que eu mesma enrolei, rosa sobre verde, e dei um sorriso amarrotado e enojado. A mão pertencia a Shane King. Margarita não é um drinque esquisito para alguém tão masculino? Eu nem me importaria de mutilar a cara dele. Parecia ter uns vinte e oito anos, ou um tiquinho mais novo do que eu, mas devia ter mais de cem. Queixo quadrado, olhos simpáticos e cabelos louros desgrenhados de surfista. O garotão dourado vampiro – não me envergonho em admitir – foi personagem de pelo menos dois de meus solitários esfregas eróticos matinais no

⁷ Um aviso: Este nome foi mudado para lhe proteger do mal que representa esta celebridade em particular, e com certeza não se trata de Bruce Willis, Ben Affleck e nem Brad Pitt (apesar de ele talvez já ter trabalhado com um ou todos eles ao longo de sua carreira).

⁸ Gíria que indica uma pessoa atraente da cabeça para baixo. (N. do Trad.)

travesseiro. Tentei apagar da minha mente sua escolha de drinque e me concentrar na imagem de sua bunda; às vezes eu apelava para isso. Nessa hora vale tudo, não é mesmo, garotas?

– Olha lá. – Eu apontei na direção de Shane.

– Hummm, que gostoso. É meu. – Wendy empurrou o banquinho antes que eu pudesse dizer alguma coisa, se enfiou no meio do pessoal como uma profissional⁹, esbarrou em alguns, piscou e parou para dar atenção especial a dois ou três caras conhecidas. E então lá estava ela com *ele*, chegando bem pertinho. Será que ele estava sozinho?

Eu disse eca virando a cara e vi Gil esbarrando e empurrando o pessoal para chegar à mesa. Gil parecia perfeito para a situação: seus cabelos, negros como piche, e a pele, com seu tom de oliva dourado, se espalhava por sobre o físico musculoso, um vampiro, obviamente, mas – que tristeza – dentro do estereótipo gay¹⁰. Mesmo assim, dava para olhar.

– E aí, piranha? – ele disse ao desabar no banquinho, desengonçado, com uma das pernas esticada no meio do caminho. Pensei em Karkaroff. Bloquear a passagem dos outros estava virando moda ou era só vontade de chamar atenção mesmo?

– Você não está exagerando no editorial de moda, não?

– Tem que brilhar. – Ele fez um gesto abarcando a jaqueta listrada preta e cinza, apresentando-a como se fosse uma apresentadora de game show chamando atenção exageradamente para os prêmios de merda. – É Armani.

⁹ Puta.

¹⁰ Certos autores de livros de terror fizeram questão de imprimir um traço flagrantemente homossexual em seus vampiros. Isto acabou sangrando tanto para a consciência humana quanto a sobrenatural. Eu mesmo não me privei de abusar do clichê.

Os drinques chegaram e Gil pediu uma vodka Martini com duas azeitonas, uma taça extra e uma caneca de vermelho quente. Ele explicou que a vodka, sorvida e rolada na língua, era puro prazer sensorial. Isobel teria que trazer um cuspidor se quisesse gorjeta. Tentei não fazer contato visual com a garçonete incompetente para não acabar me irritando. Apesar de tudo, o Flirtini estava perfeito (ver quadro); ele emanava um incandescente brilho rosa-choque debaixo da luz negra da discoteca. Ricardo era objetivo. O gelo grudou nos meus mortos dedos frios que nem frutas cristalizadas em mesa de festa.

– Esse Armani é *Armane* com e? – eu perguntei. Apesar de que, na verdade, o conjunto todo caía bem com a jaqueta, e o corte era bom.

Flirtini

1 parte de X_RATED©
 Fusion Liqueur
 1 parte de vodka
 1 dose de Cointreau
 1 dose de suco de amora
 1 espremida de lima-da-
 pérsia fresca

– Engraçadinha. Cadê o resto do pessoal?

Eu direcionei seus olhos ao outro lado do salão. Shane cafungava o pescoço de Wendy. Seus lábios entreabertos começavam a exibir os caninos. Me assustei um pouquinho. Imaginei se Wendy sabia da possibilidade de sair com uma cicatriz daquele encontro com o gatinho.

– *Eca*, vagaba – Gil disse, esticando a denúncia em três sílabas distintas.

– Com certeza. E você?

– Sem dúvida. – Gil dispensou do rosto a expressão de falsa repulsa. Ele mordeu a bochecha por dentro e soltou um assovio turbinado a sangue pelo recinto. O assovio se

estendeu e deu voltas e se expandiu que nem uma serpente de névoa rosa fluindo de sua boca. Ele manchou o ar até chegar à orelha-alvo, então entrou deslizando, sumindo de vista. Ninguém no clube demonstrou o menor interesse.

Ele vai morder, piranha.

Wendy se afastou de Shane e segurou seu lábio superior com os dedos; ela examinou seus dentes que se retraíam e soltou o lábio. Ele deu um sorriso nojento para ela, ela deu um tapa de brincadeira e saiu de perto dele, galopando direto para nossa mesa e deixando-o olhando para os lados, as bochechas corando de vergonha que nem sangue fresco.

– Gilzinho! – ela gritou. – Amo você.

– E você. – Ele se inclinou em direção a ela e deu dois beijinhos.

– Obrigada por me dar o toque. Juro por Deus que se ele me deixasse uma marca, eu ia arrancar pedaços dele. Liesl já chegou?

– Não – eu disse. – Não vi. Deixa eu mandar uma mensagem de texto pra ela. – Peguei meu Blackberry e bailei com os dedos no teclado para criar a seguinte mensagem:

*Kã vc, vaca? O povo tá se achando d+, Cameron tá aki!
Eca!*

– contei a ela que Cameron tá aqui.

– Que? – Gil esticou o pescoço para ver melhor. Wendy apontou o ator. – Puta merda! Sabe quem tá com ele? Aquela putinha daquela garota do tempo do Canal 8.

– Tá de sacanagem – Wendy disse. – *Eca*. A perna dela parece um espaguete duro.

– Qual é o nome dela?

– Rochelle sei lá do que, eu acho.

– Ele trouxe para o Well uma vítima pseudo-celebridade?

– É o que parece. – Gil caminhou para fora do bar e passou fluidamente entre uma demonete super caminhoneira de cabelo louro curtinho e chifres curvos de cabra, e um cavalheiro jovem e bonitinho de OSD¹¹. Ele se deteve em um olhar bem ensaiado para dentro dos olhos do homem, depois se debruçou sobre o bar para falar com Ricardo.

Ricardo Amandine era um robusto e alto habitante da superfície terrestre. Tinha cara de anjo com bochechas de pêssegos; em outras palavras, um zumbi gostoso que nem Wendy e eu. Ele era um senhor empreendedor – um Trump dos mortos-vivos – e transformou um almoxarifado decadente no clube mais quente do país. Ele existia na morte, bem como existira na vida, com profusa altivez. Autoconfiança era algo que pingava dele como se fosse suor comercializável; o almíscar que o envolvia era coalhado pelo símbolo do dólar. Eu precisava de uma garrafa e de uma campanha publicitária.

Gil pegou um papel do bar e rabiscou alguma coisa nele; entregou para o homem ao lado dele como se o papel fosse mágico e surgido do nada, ou do rabo dele. Ele piscou o olho e desfilou de volta à mesa, desfilou mesmo. Desesperado.

– Como é que você consegue desfilar como se fosse tão natural? – eu perguntei.

Gil chegou pertinho de mim e sussurrou:

– Prática.

– E então, do que estamos falando mesmo? – Wendy perguntou.

– Que tal da porra do tempo doido?

Normalmente banal demais para um bate-papo etílico, o tempo de Seattle havia entrado em modo bíblico total. Chovendo ou pelo menos chuviscando todos os dias pelos últimos dois meses. Teve até um tornado em alguma cidade

¹¹ Origem Sobrenatural Desconhecida.

do interior que não aguentaria replay, com uma fazenda destruída, ou algo assim. Nem parecia valer a pena mencionar. Depois que se morre, não se precisa de agricultura.

– Ando pensando porque anda chovendo tanto...

– É um cu. Meu cabelo está...

– Próximo assunto! – eu gritei; o tópico era cansativo apesar de sua atemporalidade. Eu lamentei ter de tocar no assunto. – Praga dos zumbis, alguém...?

– Isso é só boato – Wendy disse. Ela mexeu o drinque com o dedo mindinho e observou a pista de dança com olhos entediados como se ela estivesse tentando se manter acordada no primeiro período de botânica.

– Ouvi falar... – Gil disse, aproximando-se daquele jeito conspiratório de quem está por dentro das coisas e vai contar uma bomba – ...que teve outro surto semana passada. Vocês vão fazer um teste ou algo assim, suas piranhas? Porque tem alguém por aí mordendo e fugindo. Enfim, aconteceu em alguma cafeteria em Renton. Seis zumbis movidos a cafeína simplesmente dando suas mordidas tanto em clientes quanto em baristas. Os anjos da morte limpavam tudo antes que a imprensa chegasse lá. Apesar de que podiam deixar vazar para o público. Renton bem que ia gostar da divulgação.

– Só.

– Que lugar podre.

Três goles ao redor da mesa e um novo tópico surgiu.

– E então, como vai sua pós-vida? – Gil perguntou.

Eu suspirei.

– Tá falando sério? Esse assunto é tão recente quanto a xereca de Wendy¹². – Wendy deu um soco na minha perna. Eu soprei um beijinho. – Vamos falar do seu papo com Ricardo.

¹² A resposta: Exatamente como era antes da morte: UM TÉDIO.

– É – Wendy disse, entrando na conversa, quase cantarolando as palavras; nós a amamos. – Vamos.

– Só quero ter certeza se ele estava de olho em Cam. Não tem como ele matar a puta do tempo sem ninguém perceber.

– Bem, é, os anjos da morte viriam pra cima dele na hora – eu disse – logo depois da imprensa, no caso dela. O pessoal do Channel 8 deve rastrear a vagaba.

– Ricardo disse que ele tinha tudo sob controle. – Gil encerrou o tópico. Os três olharam para a mesa das celebridades. – E parece que Cam está procurando outra pessoa para matar hoje à noite.

Nas sombras do compartimento reservado, os três se pegavam de modo febril. O ator estava no meio, permutando a boca primeiro com a moça do tempo e depois com a adolescente asiática. Grossos fios de cuspe se esticavam entre lábios inchados e mãos que buscavam e investiam sob a mesa.

– Sabe, eu sabia que essa moça do tempo era escrota – Wendy disse.

Então meu Blackberry vibrou, me alertando para a chegada de uma mensagem de texto. Torci para que fosse de Liesl. Peguei para conferir.

Socorro.

Só dizia isso.

Socorro.

– Olha essa merda aqui. – Eu me debrucei para mostrar a mensagem para Gil e Wendy.

– Socorro? – Gil perguntou. – *Só pode ter sido mandada para o número errado.* – Então voltou-se para Wendy. – A gente *ajuda*?

– É de Liesl.

– Ai, merda. – Wendy já estava pegando a bolsa.

Deus do céu, eu pensei, como vamos ajudar? Não tem nenhum alimentador compassivo no bando.